

CULTURA LGBT:

anotações para concluir no fim de um mundo¹

*“Sentada, detida y humilhada...
Nunca vitimizada. Ré confessa contra
a força armada do E\$tado. O
comandante da tropa de choque
pergunta: O senhor é de direita, de
esquerda ou anarquista graças a
Deus? Eu disse que era desorientado
politicamente.*

*Morte aos modernos hipsters queer
frequentadores de balada e galerias
de arte. Agora que nós sujamos, não
tem volta. Já somos a*

¹ O título deste artigo homenageia e toma como referência o título do artigo de Maria Rita Kehl, “Cultura: anotações para concluir no mês que vem.” KEHL, Maria Rita. Cultura: Anotações para concluir no mês que vem. Teoria e Debate, São Paulo. n. 05, jan./mar. 1989. Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/cultura-anotacoes-para-concluir-no-mes-que->>. Acesso em: 16 fev. 2015.

desestabilização, o kaos. Nossos pés já estão sujos. Nossa boca tem fome infinita. Boca de cu, que delícia.”

(Coletivo Coiote)

Eu tinha um amigo que chorava com o personagem de Bruno Gagliasso na novela América. Tínhamos os dois por volta de quinze anos e Gagliasso interpretava um gay que, inconformado com sua situação, chorava no espelho pedindo a deus para ser outra coisa. Ele se identificava com a personagem, eu não. Assistimos juntos Brokeback Mountain, anunciado e garantido como o “filme de amor gay” de Hollywood. Ele se emocionou, eu não. Eu sentava no meu quarto e traduzia as letras do primeiro álbum dos Smiths que encontrei num sebo e me maravilhava com os estranhos contos de iniciações clandestinas, marginais sedutores e amores malfadados: todo um folclore gay ancestral chegava aos meus ouvidos.

Anna Karenina, personagem de Tolstoi, dizia que todas as famílias felizes se parecem, e que cada família infeliz é infeliz a sua

própria maneira. Eu diria, pra começo de conversa que todos os heterossexuais e cisgêneros se parecem, mas que cada bicha, sapatão, gay, lésbica, travesti, homem trans, mulher trans, pessoa trans é dissidente a sua própria maneira. Na contramão da parábola bíblica, são vários os caminhos, verdades e vidas e vai-se à bichice, sapatonice e travice por muitos enveredos e inúmeros entreveros.

Este é um texto sobre o fazer cultural das bichas, gays, sapatões, travestis, lésbicas, caminhoneiras, viados, sapas, putos e gurias, homens trans, mulheres trans, trans não-binárias, butchs, femmes, bichas-bichas e bichas-bofes e outrxs dissidentes sexuais y de gênero em tempos de guerra moral no BRASIL. Praticamente a questão é se vamos conseguir formar um bloco histórico em aliança com outros povos violentados pelo Estado-nacional brasileiro, como moradores de rua, povos indígenas, sem terra e sem teto, negros, se interpretaremos nossa sapatonice, viadice e transgeneridade à luz recíproca da opressão sofrida por mulheres que tem seus direitos sexuais e reprodutivos negados, à luz dos

quatro séculos de escravidão que conformaram as feições brutais desta ex-feitoria ultramarina, ou se vamos nos encarcerar no “shopping gay” como território seguro e identidade pre-fabricada. No entanto a escolha política que enuncio, qual sujeito está em condições de fazê-la? Posto que a assimilação nunca é um destino, para alguns ela nem sequer é opção. Este porém joga minha fala na vala comum da brutalidade cotidiana das sociedades coloniais, onde falar é sempre privilégio de uma elite, mesmo ou especialmente quando esta quer falar em nome de um povo.²

Suspeitemos PORTANTO dos enunciados políticos, da retórica e da língua, suspeitemos dos termos e dos conceitos a começar daquele que por obrigação orna meu texto: Cultura LGBT. Este termo está fadado a provocar muitas confusões e a suscitar debates infrutíferos, começando pelos que giram em torno das perguntas “Existe uma cultura LGBT?” e “O que é cultura LGBT?” Estas estão aí esperando para encher centenas de páginas com

² A este respeito é pertinente o comentário do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro: “Isso de teorizar o Brasil é uma coisa que a classe dominante sempre fez. Quem fala ‘Brasil’ é sempre alguém que está mandando”. (CARIELLO, 2013). Para uma discussão crítica das posturas políticas de Viveiros de Castro, no entanto, ver MESOMO, Juliana e MORAES, Alex Martins. “Afinal, como Viveiros vive a política?” Grupo de Estudos e Rede de Antropologia Crítica. 21 fev. 2014.

ensaios e monografias de especialistas intrigados, modestos promotores de uma escolástica enfadonha da ontologia das identidades.

Vamos proceder como o catador de lixo autônomo ou gari da prefeitura que recolhe das ruas o dejetos para que o carro da história possa passar. Vamos catar uma a uma as confusões que o termo “Cultura LGBT” - talvez projetado e escolhido justo por ser confuso – provoca, para depois passar ao exame do que mais nos importa: o estado atual da guerra moral no Brazil³, o fazer artístico e cultural de algumas colegas, e as possibilidades de aliança e combate que este fazer suscita.

A pergunta sobre o que é o ser (ontologia) é a evitar. Reflexões sobre “Cultura LGBT” podem facilmente cair em questionamentos sobre a “essência”, a “especificidade” desta cultura, tentativas de “fixar” em si um objeto que não existe senão dentro das armações conceituais de quem pergunta, o que fará o

³ Ao longo deste texto, a palavra que denomina esta unidade política territorial que nos confina (o “país” chamado “Brasil”) será grafada de diversas formas, geralmente em minúsculas. Não se trata de erro ortográfico mas sim de uma marcação do mal estar que a “identidade nacional”, nos provoca. Marcador de uma posição internacionalista. “Pela paz em todo mundo”, como cantava a bicha Redson, vocalista da banda CÓLERA.

pesquisador girar em torno de si mesmo improdutivamente. O perigo da ontologia, para as coletividades dissidentes, é o mesmo que para indivíduos trans, lésbicas, viados e outrxs. Assim, entendemos quando Michel Foucault fala que “temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos”⁴:

é preciso desconfiar da tendência de levar a questão da homossexualidade para o problema ‘Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo?’ Quem sabe, seria melhor perguntar: ‘Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?’ O problema não é descobrir em si a verdade sobre seu sexo, mas, para além disso, usar de sua sexualidade para chegar a uma multiplicidade de relações. E isso, sem dúvida é a razão pela qual a homossexualidade não é uma forma de desejo, mas algo de desejável.

(FOUCAULT, 2004 [1981], p.68)

4 FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. In: COLETIVO SABOTAGEM (Org.): Michel Foucault – Por uma vida não fascista. Coletivo Sabotagem, p. 68-72, 2004.

Falamos de um lugar vazio. Era uma vez um viadinho, e elx gostava de Lady Gaga, ou não? De Courtney Love, ou não? De Clara Nunes, ou não? Era uma vez uma bichinha, e hoje ela milita na setorial gay de um partido de direita, ela confabula discretamente com o Papa Francisco para readmitir os gays na Santa Igreja, daonde elxs nunca saíram.

É grande a dificuldade para se falar em “Cultura LGBT”, assim, monoliticamente, com “C” maiúsculo e no singular. Nós não somos cultura, somos subversões da cultura. Cópias adulteradas, performances malfeitas, “uma coleção que não deu certo” como diz a banda NoPorn na música Baile de Peruas. Qualquer versão do “tornar-se travesti” ou “tornar-se sapatão” vai ser contrariada ou complementada por muitas outras versões do mesmo processo. É um caleidoscópio de histórias de vidas com nuances de gestos, miríades de práticas e possibilidades de transgredir e sabotar a cissupremacia e a heteronorma.

Outro problema de igual importância: o amalgamar das identidades de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e

transgêneros, unidos nesta Cultura maiusculosa e soberana. Faz-se um “saco de gatos” que conjura todas as dissidências debaixo de um único estandarte. A tentação absolutizante dessa jogada retórica tende a abstrair as práticas culturais de pessoas trans, saps e viados de seus contextos. Ora, a riqueza das práticas culturais destxs, como saberes y fazeres de resistência está nutrida e enalacrada nos contextos dados. Será mais produtivo rastrear estas práticas de resistência lá onde elas estão, evitando saltos globalizantes. Assim, pode tornar-se possível falar de uma cultura lésbica, uma cultura travesti, da cultura drag queen e drag king, da cultura bicha, e das inter-relações entre estas culturas, o que abriria mais nossos olhos para as possibilidades político-culturais de ajuda mútua, de polinização y fertilização, de alianças e contaminações.

Tenho a intuição, a percepção, o pressentimento de que falar em LGBT como um bloco homogêneo, já cortado e formatado no campo da cultura vai abafar encontros felizes, e diminuir a produtividade de nossos mapas políticos.

A identidade é sempre uma relação, nunca simplesmente uma positividade, escreve o escritor e teórico das questões das bichas e da aids estadunidense, Douglas Crimp.

Era uma vez uma sapatão. Será que ela gosta de Maria Bethânia? De cabelo curto? De boxe? Ou nada disso? “Será que ele é bossa nova? Será que ele é Maome? Parece que é transviado...”

A homofobia e a transfobia, isto é, a violência da imposição da heterossexualidade e do binarismo de gênero, atuam na cultura, na família e na sociedade como num “jogo de espelhos”. A imagem é da escritora branca nova-iorquina, fundadora do grupo Vingadoras Lésbicas, Sarah Schulman, que desenvolveu uma análise cuidadosa das formas com que a homofobia se reforça e prolifera, com foco na vida familiar:

Usualmente, a família é o refúgio das crueldades da cultura. Se a família é a fonte da crueldade, a sociedade mais ampla é o refúgio da família. No entanto, quando a família e a sociedade mais ampla põem em ação estruturas idênticas de exclusão e inferiorização, o indivíduo não tem

lugar para onde escapar, especialmente quando as instituições de representação também não permitem que a experiência e sentimentos subsequentes sejam expressos.

(SCHULMAN, 2010. p. 76-7)

Excluídos da família, definindo nossas identidades geralmente apesar dela e contra ela, os dissidentes de gênero e sexualidade não tem “cultura” como patrimônio ancestral. Não temos a linhagem de parentesco como eixo de transmissão de bens culturais. Não podemos autorizar nossa cultura numa ancestralidade. Sabendo da importância política da família como esteio da propriedade privada e do poder, da importância econômica dos mecanismos de herança em todas as sociedades de classes, eu ousaria dizer: a nossa cultura é não proprietária.

Se não temos uma cultura ancestral a preservar, o que temos? Estratégias comuns, atitudes diante da cultura, que são atitudes de sobrevivência e criação. Nossa sobrevivência como dissidentes é um ato de criação. Toda sapatão faz cultura, todo homem trans faz

cultura, toda travesti faz cultura. Para uma bicha, se manter viva é cultura.

Cultura como contrabando: falando exclusivamente da vivência gay masculina, David Halperin, escritor das gay e historiador da homossexualidade, estadunidense, lançou um livro com o provocativo título “Como Ser Gay” (How To Be Gay), não editado no Brazil. Halperin aponta que a cultura gay funciona na “transformando um número de discursos e objetos culturais heterossexuais em veículos de um significado gay”:

Aquele jeito distintivamente gay de ser, entretanto, parece estar enraizado num modo particularmente bicha [queer] de sentir. E este modo bicha de sentir – esta subjetividade bicha – se expressa por um modo dissidente, peculiar de se relacionar a objetos culturais (filmes, músicas, roupas, livros, obras de arte) e formas culturais em geral (arte e arquitetura, ópera e teatro musical, pop e disco, estilo e moda, emoção e linguagem). Como uma prática cultural, a homossexualidade masculina envolve um jeito característico de receber, interpretar e reutilizar a cultura

dominante [mainstream], de decodificar e recodificar os significados heterossexuais ou heteronormativos já codificados na cultura, de modo que eles venham a funcionar como veículos de um significado gay ou bicha. Isto consiste, como o crítico John Clum diz, numa “leitura alternativa compartilhada da cultura dominante”.

(HALPERIN, 2012. p.12)

Estendendo este raciocínio dos homens cis gays para outrxs dissidentes, nos deslocamos de uma pretensa cultura LGBT como patrimônio e voltamos nossa atenção ao que esta sendo feito e praticado. Imagens de contaminação, de infiltração, de contravenção aparecem. Um fazer muambeiro assoma. “Coleção decadente cigana”, conjunto que não se completa, construção maldita, bicha.

Crimp fala de uma politica de identidades relacionais formadas por identificações politicas que constantemente refazem essas identidades. Ele reconta a historia da identidade gay nos Estados Unidos, para inverter os termos do entendimento

identitário: não foram gays pre-existentes que fundaram um movimento social para serem reconhecidos, foi “um movimento político emergente que tornou possível a enunciação de uma identidade gay”, sendo que este movimento surgiu de identificações com outros movimentos, em especial o movimento Negro e o movimento Feminista. A “Frente de Libertação Gay”, ele recorda, foi batizada assim por identificação com e em solidariedade as lutas do “Terceiro Mundo”⁵ – nós.

Aqui no BRASIL as coisas se passaram de modo distinto. O impulso libertário do fim da ditadura que conformou o movimento homossexual brasileiro nascente foi logo sucedido pela crise da Aids, a partir da qual o movimento homossexual, depois gay, hoje LGBT brasileiro iria se desenvolver em crescente relação com o aparelho de Estado⁶.

Ja é hora de pensar aonde as identificações políticas do movimento com o Estado levaram, em termos de criação de formas de vida e de cultura. Essa simbiose com governos,

⁵ CRIMP, Douglas. Right On, Girlfriend! In: _____. Melancholia and Moralism: Essays on AIDS and Queer Politics. Massachussetts, MIT PRESS, 2002.

⁶ A este respeito ver FACCHINI (2009), COLLING (2011) e FERNANDES (2011).

coordenadorias, políticas públicas e ministérios, aonde isso levou?

Que tipo de sujeito produziu e tem produzido?

É neste ponto do diálogo que os laços entre cultura e política ganham máxima evidência.

E no entanto algo se move, além e aquém destas paragens.

Tomei o conceito de “guerra moral” de empréstimo de Tatiana Lionço, em seu interessante texto [“Por que comecei a gritar na Câmara dos Deputados? É tempo de guerra moral no Brasil”](#). Este texto marca época por sinalizar um ponto da ascensão da direita religiosa no país, a eleição do deputado federal Marcos Feliciano para a presidência da comissão de direitos humanos e minorias da câmara:

Enquanto eu escutava as palavras do pastor Feliciano dizendo que ele não era homofóbico eu me lembrava que ele mesmo, em pregação no Congresso dos Gideões Missionários da Última Hora a uma multidão no ano passado, fez menção aos ativistas do movimento LGBT como engendrados por satanás e incitou a multidão a

agarrar o demônio pelos chifres e esfregar a cara dele no chão. Passei mal e me senti invadida simbolicamente pelo pastor. Eu, pessoalmente, sequer me apresento como lésbica. Tenho uma trajetória heterossexual e sou mãe de crianças. Mas isso não me exime de ser desqualificada moralmente ou mesmo desumanizada, posto que sendo uma ativista que luta contra a homofobia e pelos direitos de homossexuais, eu mesma, heterossexual, seria nas palavras do pastor engendrada por satanás. (...) Foi aí que eu comecei a gritar. (...) Dado que cheguei ao limite de ser usada à minha revelia para fins opostos ao de minha própria luta política em defesa de direitos humanos, estou agora reivindicando minha liberdade de gritar e continuarei o fazendo até que eu mesma julgue necessário, ou até que calem a minha boca a força.

(LIONÇO, 2013)

A história bem sucedida de ascensão da direita cristã no brazzil, da entrada em cena dos neopentescostais na política

nacional apoiando a eleição de Collor⁷, de como seu frutífero trabalho de base vem modificando a sociedade brasileira, de seu florescimento à sombra dos governos de coalizão capitaneados pelo PT, da capitulação de Dilma nas eleições de 2010, do vexaminoso retrocesso das políticas estatais anti-homofóbicas com o veto presidencial de 2011, essa história de sucesso dos intolerantes brasileiros não cabe neste texto.

“Era composta por um pedaço de ferro, colocado na boca do sujeito Negro, apertado entre a língua e a mandíbula, e preso por trás da cabeça por duas faixas: uma em torno do queixo e a segunda envolvendo o nariz e a testa.”

Esta é uma máscara aplicada pelos senhores de escravos brancos nos negros escravizados, na descrição de Grada Kilomba, a qual Jota Mombaça chama atenção em um recente texto⁸. Uma versão brasileira desta máscara tornou-se famosa num pintura de Debret.

7 MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, A. F. O. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, n. 34, p. 92-106, 1992.

8 MOMBAÇA, Jota. Pode um Cu Mestiço Falar? Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

Os senhores de escravos ainda estão nos ministérios e no Congresso Nacional, e eles nos colocam mordanças para falarem mais a vontade. Mas estes senhores já são desafiados, em seus cala-bocas, por aqueles que, por momentos, arrancam as máscaras que ainda regiam simbolicamente as condutas. Foi este o relampejo histórico que construiu uma ligação entre os textos de Mombaça e Lionço, Tomando como fio de meada esta ligação entre tempos supostamente distintos, quero seguir uma série de objetos culturais produzidos por dissidentes sexuais e de gênero no brrrrrrrazil.

O texto “Coioete, un korpo extraño”, contribuição do Coletivo Coioete ao número da Revista Rosa que lhes é, começa com uma lista:

- Moradores de rua e a aproximação
 - Comedores e dadores de cú
- A não aceitação de travestis em albergues assistencialistas por conta do caráter religioso das instituições
- As relações homossexuais em presídios e moradores de rua

- A margem da margem
- O preconceito dentro de guetos
- O hibridismo. A perda e a busca/por identidade não normatizada
- O uso de drogas e o alcoolismo para matar a fome
 - Na vestimenta as sobreposições (queer) para matar o frio
- A ignorância também das minorias que afetam os marginalizados extreme (machismo e patriarcado impostos e reproduzidos)
 - Minha vivencia e minha história na rua e centro assistencial
- As relações e entre prostitutxs e moradores de rua
 - DSTs
 - SUS ridicularizando o humano
 - As regionalizações no país
- As regionalizações e segregações entre grupos de moradores de rua numa mesma localidade
 - Como acontece em outros países?
 - ONGS?
 - Pessoas que por não aceitação da família vão morar na rua
 - Grupos assassinos
- A vida na favela, minorias de genero e a liberdade

e respeito que se tem.

- Violência policial
- Proibição de se entrar em shoppings, etc
- A aproximação da teoria queer no inconsciente
puro não purista
 - A agressividade
 - A esquizofrenia
- Descolonização geral do corpo
- A assistência social capitalista crista burguesa
piedosa
 - Negro pobre viado travesty
- Relações de companheirismo e amor entre
moradores de rua
- O quanto a modernidade exclui e tecnologia forja
 - Desterritorialização

(COIOTE, 2014)



Essa enumeração de vivências, de interesses e de curiosidades, entrelaçamento de sujeitos e saberes, aponta para alianças e inimizades diversas daquelas que são adquiridas no shopping gay do mercado GLS, ou sentando-se à mesa nas infinitas conferências do movimento LGBT estatal. Certamente as participantes do Coletivo resistiriam imensamente a serem consideradas como “cultura LGBT”. E no entanto, neste coletivo estão bichas que assumiram o lugar vazio de sua identidade como espaço para conformar solidariedades e afetações com diversos povos. Essas bichas que gritam “nem copa, nem eleição”, quem

são? Que encontros possibilitaram que elas polissem sentimentos e palavras?

Há uma circulação de sentires e saberes dissidentes que de forma sutil e constante vem tecendo uma rede de solidariedade e identificação mútua entre bichas, mulheres, sapas e trans do brazyil. Não precisamos falar tão alto que os senhores escutem, mas há fortalecimentos rolando, justo quando eles parecem rir seu riso mais sinistro em seus palanques e escritórios. Em outras frequências, inescutado ⁹por ouvidos dominantes, outras conversas estão ocorrendo.

Tomei contato com o texto das Coiotes pela primeira vez na festa Infeciosxs, promovida por uma coletiva informal de bichas e mulheres. Sua primeira edição realizou-se a 22 de janeiro de 2015, no Casarão das Artes, em Recife, Pernambuco. Na página da festa

⁹ O verbo “inescutar” foi cunhado por Tatiana Nascimento dos Santos, que o define assim: “Com esse termo ainda não dicionarizado, quero chamar atenção para uma outra retórica perniciosa e insistente: a expressão ‘dar a voz às minorias’ é frequente em contextos acadêmicos e mesmo ativistas, e parece repetir um salvacionismo extremamente colonizador que ignora não só o protagonismo das ditas minorias (...) mas também o fato de que as relações de poder criam uma dinâmica de escuta e silenciamentos em que determinadas vozes são ouvidas ou hiperamplificadas, e outras são repetidamente ignoradas. O caso seria, então, precisamente o de rearticular a escuta, e não de ‘dar a voz’ – a despeito da insistência que faço, ao longo do texto, na metáfora do silenciamento de determinadas experiências, é importante justificar que esse silenciamento é profundamente simbólico e completamente relacionado, de onde vejo, a essas inescutas sistematizadas.” (TATIANA, 2014, p.28)

no facebook, as Infecciosxs se definem como:

Um mix de mutação, hibridismo, trans-formação e transtorno.

Existe um bonde trans-psycho no ródjan, vindxs de todas as zonas do Recife e Região Metropolitana.

Do norte, leste, oeste ou podendo ter saído também do banheirão mais próximo, esse bonde tá formado pra meter o terror e infectar com vírus da truação e da bruxaria viadal fazendo as "gospel" PASSAR MAL.

O proposito delxs é simples: convocar xs afetadas, mulheres, bichas, baitolas, travas, transexuais, intersexuais, transgêneros, piriguetes, putas, gordas, sapatas, caminhoneiras, pintosas, divas, feias, patricinhas, crossdresser, intersexuais e não binarias; para dar um close boca-de-se-fuder e fazer um forjo pesado, pra deixar o terror mais trash no chinelo com o mix de colocação e aventura.

Essas são as I N F E C C I O S X S !!!

(INFECCIOSXS, 2015)

Na noite da festa o texto de Coletivo Coiote foi performado por uma ativista de causas libertárias, anti-especistas, feministas e sexo-dissidentes. Houve também a distribuição do texto em forma de zine durante a festa, numa tiragem produzida pelas Monstruosas, pequeno selo dedicado a publicar debates sobre políticas nômades, anti-humanismo e dissidência sexual.

O clima da festa me lembrou outras de que participei, como as da casa coletiva “Espelunca”, localizada em Curitiba. Habitada por mulheres cis e por trans não binárixs, este espaço acolhe e amplia discussões e produção cultural feminista e sexo-dissidente. Por vezes lá são realizadas festas separatistas onde é explicitamente “acesso negado a homem cis hetero”, gerando um espaço específico para mulheres e LGBTQs. Foi o caso das festas “Bandidagem”, e do “Cassino Swarowski”. Outrxs, como “Cucetas aluadas”, festa de 2 anos de existência da “Batalha Histórica de Levante”, coletiva de performance e artes cênicas da qual muitas das moradoras da casa fazem parte, são abertas a um público mais

amplo. No espaço ocorrem ainda feiras de troca e “desovas de performance”, como elas dizem.¹⁰

Não quero tomar estas iniciativas por algo maior do que elas são, mas também não quero diminuí-las. Festas, publicações zineiras, casas coletivas podem ser e de fato estão sendo dispositivos políticos, entendendo-se a política numa intersecção necessária com a cultura e a formação de subjetividades. Importa saber como se criam solidariedades políticas, como se compartilham costumes, como se modificam sensibilidades: pois tudo isso se faz ao mesmo tempo. A leitura do texto das Coiotes na festa, circulando suas palavras para um público específico (dissidentes sexuais e de gênero), leva a consequências inexatas, das quais o texto que ora escrevemos faz parte. Neste sentido, existe um dispositivo de comunidade e solidariedade anti-machista, anti-transfóbica e anti homo/lesbofóbica muito potente, que nestes anos recentes de escalada conservadora tem sido muito praticado, e sobre o qual me debruço a seguir: a música.

¹⁰ Fonte: página da Espelunca no facebook.
<<https://www.facebook.com/pages/Espelunca/717492391677517?fref=ts>>.
Acesso em: 21 fev. 2015.

Seja nos espaços mencionados, seja em outros lugares e momentos de festa, frequentemente ouvi e me irmanei a outrxs ao som de algumas músicas, que foram as mesmas, em Natal ou em Porto Alegre, em Recife ou Curitiba, em cidades onde estive, entre amigos/amantes/colegas de luta, enquanto éramos rotineiramente massacrados pelo mesmo aparelho de Estado que hoje pretende com um de seus braços fomentar uma “cultura LGBT”.

Neste sentido, é preciso mencionar a potência empoderadora do funk, em versões adulteradas e subvertidas, e seu uso corrente por grupos y indivíduos feministas, libertários, da luta LGBT, etc. Muitos funks que surgem e ficam como hinos destas lutas são paródias de outros que “bombam” na cultura dominante. É o caso das músicas “Feminista”, das Putinhas Aborteiras de Porto Alegre, e “Intima Poderosa” das Sapatânicas de Florianópolis, que subvertem “Glamurosa” de Mc Macinho e “Show das Poderosas”, de Anitta, respectivamente.

O movimento ANARKOFUNK, que mescla citações e paródias

num vasto caldo de autoria coletiva, mereceria um artigo à parte. As músicas deste estilo – xs participantes/criadorxs destas músicas insistem em lembrar que o anarkofunk não é um grupo e sim um estilo musical - são interseccionais em suas letras, abordando vários níveis de realidade social. A luta anti homofóbica, anti machista e anti transfóbica está presente em diversas letras, como por exemplo no anti-*hit* “Bixa Pobre”, onde se canta:

Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada
infectando a sua mente branca e civilizada
cagando pra cultura, passando a merda na cara
vomitando seus valores, sou a loka afetada.
(...)

Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada
poesia engatilhada e apontada na tua cara
moro no teu abandono, to comendo do teu lixo
o excesso do espetáculo garante o subsídio
meu look é de recicle, detona fashion week
É o bonde dreadlock apavorando as bixa chique

Bixa, preta, pobre, vadia, degenerada

sou o terror da família, peste negra encarnada
to de boa do ciúmes, que se foda o casamento
sem herança ou propriedade vou pra comunidade
construir um corpo livre sem normatividade com
crianças e idosos em um pé de igualdade.

(Anarkofunk, s/d)

Para continuar posso citando o “pop guerrilha”, expressão que Jota Mombaça, com sua persona musical “K-trina erratik” usa para descrever o estilo de suas músicas, da qual a mais famosa, também tornada em hino na esteira da (resistível) ascensão de Feliciano, tem por título e lema “Eu sou passiva, mas meto bala”. Ainda gostaria de citar o trabalho das Tambores de Safo: grupo de percussão e voz só de mulheres, com um trabalho baseado fortemente ritmos populares como o maracatu e letras que ecoam as palavras de ordem de muitas Marchas das Vadias. Em seu soundcloud, Tambores de Safo se define como “um grupo musical, que pretende através da arte, difundir o pensamento feminista, bem como divulgar a cultura afro-brasileira e da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais).” Esta

definição se reforça quando consultamos os textos presentes no blog do grupo. Distintamente de outros grupos e artistas musicais, que em suas páginas fazem a publicidade de si mesmos e pouco ou nada além – acatando assim as exigências de competitividade do mercado da música – os textos no site da Tambores de Safo falam quase exclusivamente de questões mais diretamente “políticas”: o grupo assina abaixo assinados junto com outras organizações feministas, sindicatos, etc.

Algumas palavras sobre as condições de fala – e cala – no brrazzzyl servem para arrematar e alinhar estas modestas anotações. Já nos referimos aqui, sem muitas explicações, à “brutalidade das sociedades coloniais”, ao local de fala das elites, à máscara para escravos que Grada Kilomba e Jota Mombaça fazem recordar, e aos gritos de Tatiana Lionço, que não pretende mais se calar, a não ser que seja forçada a tal. Como pesquisador, entendo que a discussão sobre as condições de uma cultura dissidente no Brasil deve escutar de modo atento a reverberações que calam fundo em nossa sociedade, nossa história e nossas instituições, o

que torna a discussão sobre a colonialidade inescapável. Nos remetemos neste ponto às considerações do professor Anibal Quijano, que afirma que, nos países latino-americanos, os processos de “independência” dirigidos por elites promoveram a descolonização política sem uma descolonização da sociedade, motivo pelo qual não ocorreu “um processo em direção ao desenvolvimento dos Estados-nação modernos, mas uma rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais.”:

O processo de homogenização dos membros da sociedade imaginada de uma perspectiva euroêntrica como característica e condição dos Estados-nação modernos, foi levado a cabo nos países do Cone Sul latino-americano não por meio da descolonização das relações sociais e políticas entre os diversos componentes da população, mas pela eliminação massiva de alguns deles (índios, negros e mestiços). Ou seja, não por meio da democratização fundamental das relações sociais e políticas, mas pela exclusão de uma parte da população. Dadas essas condições originais, a

democracia alcançada e o Estado-nação constituído não podiam ser afirmados e estáveis. A história política desses países, muito especialmente desde fins da década de 60 até o presente, não poderia ser explicada à margem dessas determinações

(QUIJANO, 2005)

O que isso tem a ver conosco, bichas, lésbicas, travestis, trans e outres? Propriamente tudo, ou: este é o chão histórico onde nossas opressões grassam. Somente enraizando nossa crítica cultural num entendimento do contexto brazzzileiro poderemos traduzir ricamente a teoria lésbica, trans e gay que vem de outros quadrantes. Por isso quero rearticular o conceito de evitação, veiculado¹¹ por Sarah Schulman:

Evitação é quando as pessoas são cortadas, excluídas de participarem em conversações, comunidades, estruturas sociais; a elas não é permitida qualquer voz sobre como elas mesmas

11 Desconheço se o conceito foi cunhado por Schulman ou se tem outras fontes.

são tratadas, não podendo falar ou retrucar. A evitação é uma forma de crueldade mental que é desenhada para que se finja que a vítima não existe ou nunca existiu. (...) É a remoção de pessoas que respiram e vivem do reconhecimento e representação no dia a dia. É uma recusa em se comprometer, reconhecer, negociar e comunicar. É uma exclusão da conversa.

(SCHULMAN, op.cit.)

Schulman usa o termo “evitação” para dar visibilidade a uma vivência cotidiana de gays e lésbicas nos Estados Unidos. Lido à luz de nossa experiência social, sua explicação do termo talvez faça perceber que esta “exclusão da conversa” é parte integrante da vivência da maioria dos brasileiros.

A crueldade especial da classe dominante brasileira rebaixou em muito os padrões de escuta. Não somos silenciados somente como população LGBT, somos silenciados como plebe num país de herança escravocrata, onde o poder sempre circulou entre pouquíssimas mãos.

Daí que o intelectual paulista Vladimir Safatle tenha dito que

“ao exigir respeito e reconhecimento, os homossexuais fazem mais do que defender seus interesses. Eles confrontam a sociedade com seu núcleo duro de desigualdade e exclusão. Por isso, sua luta pode ter um forte poder indutor de transformações globais¹².”

Teorizando sobre os protestos de Junho de 2013, Satatle acreditou ver o começo do fim de um “silêncio complacente” característico de nossa sociedade: “placas tectônicas se moveram”, ele disse.¹³

Para nós o espírito de junho talvez tenha chego antes, em março de 2013, com os gritos dos indignados que encheram a câmara dos deputados, arrancando as máscaras de suas bocas.

Quem fala de cultura no brazzil sem falar do silêncio que a conforma, do extermínio de índigenas e travestis, hoje fala com um cadáver na boca.

Esperamos que a novíssima jogada governo-movimento social para “consolidar e expandir” o que estes atores estão

12 SAFATLE, Vladimir. O primeiro embate. Folha de São Paulo, São Paulo, 2 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/101645-o-primeiro-embate.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2015

13 SAFATLE, Vladimir. O povo brasileiro não existe. Folha de São Paulo, São Paulo, 28 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2014/10/1539370-o-povo-brasileiro-nao-existe.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

chamando de “cultura LGBT”, a mais recente de uma série de parcerias entre estes atores tão simbióticos, possa ajudar a fomentar as conversas que já se tecem entre as várias culturas dissidentes do brazzyzyl. Mas será o bastante? Ou muito pouco, muito tarde? Não sou futurólogo e não cabe aqui ser palpiteiro. Pretendo apenas, com a ajuda da autora Sarah Schulman, lançar nesse mar tempestuoso meu grito de alerta, almejando que o barco das bichas, trava e sapatão brasileiras faça sua travessia evitando Cila e Caribdis. E como uma boa viada me despeço na voz de uma diva, Maria Bethânia, cantando a letra que Gonzaguinha, este homem feminino, fez e que cabe tão bem aqui, entre nós:

Não quero a razão
pois sei o quanto estou errada
e o quanto já fiz destruir
Só sinto no ar o momento
em que o copo está cheio
E que já não dá mais pra engolir...

Veja bem!
Nosso caso

É uma porta entreaberta

E eu busquei

A palavra mais certa

Vê se entende

O meu grito de alerta

(Gonzaguinha, s/d)

Vejam se entendem nossos gritos de alerta.

Referências:

CARIELLO, Rafael. O antropólogo contra o Estado: *As ideias e as brigas de Eduardo Viveiros de Castro, o intelectual brasileiro que virou a filosofia ocidental pelo avesso*. Revista piauí. São Paulo, ed. 88 Dez. 2013.

COLETIVO COIOTE. Coiote, um korpo extraño. Revista rosa: arte e literatura queer, ed. 5, dez 2014. . Disponível em: <<https://medium.com/revista-rosa-5>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

COLLING, Leandro (org.) Stonewall 40 + o que no Brasil? Salvador: Edufba. 2011

CRIMP, Douglas. Right On, Girlfriend! In: _____.Melancholia and Moralism: Essays on AIDS and Queer Politics. Massassuchetts, MIT PRESS, 2002.

INFECIOSXS, Festa Infeciosxs. Jan. 2015. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/Infeciosxs/400557020119245?fref=ts>>. Acesso em: 22 fev. 2015

FACCHINI, Regina, SIMÕES, Júlio Assis. Na trilha do arco-íris: Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2009.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. A Agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010). Florianópolis, 2011. 420 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2011

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. In:

COLETIVO SABOTAGEM (Org.): Michel Foucault – Por uma vida não fascista. Coletivo Sabotagem, p. 68-72, 2004.

KEHL, Maria Rita. Cultura: Anotações para concluir no mês que vem. *Teoria e Debate*, São Paulo. n. 05, jan./mar. 1989.

Disponível em: <<http://csbh.fpabramo.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/cultura-anotacoes-para-concluir-no-mes-que->>. Acesso em: 16 fev. 2015.

LIONÇO, Tatiana. Por que comecei a gritar na Câmara dos Deputados? É tempo de guerra moral no Brasil. *Gente*

Transviada. 7 mar. 2013. Disponível em:

<<https://gentetransviada.wordpress.com/2013/03/07/p>

or-que-comecei-a-gritar-na-camara-dos-deputados-e-

tempo-de-guerra-moral-no-brasil/>. Acesso em: 17 fev.

2015.

MARIANO, Ricardo; PIERUCCI, A. F. O. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. *Novos Estudos*. CEBRAP, São Paulo, n. 34, p. 92-106, 1992

MESOMO, Juliana. MORAES, Alex Martins. Afinal, como Viveiros vive a política? Grupo de Estudos e Rede de Antropologia Crítica. 21 fev. 2014. Disponível em: <<https://antropologiacritica.wordpress.com/2014/02/21/afinal-como-viveiros-vive-a-politica/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

MOMBAÇA, Jota. Pode um Cu Mestiço Falar? Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e

América Latina. In: LANDER, Edgardo. A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais : perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SAFATLE, Vladimir. Os novos reféns. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 out. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2012/10/1169492-os-novos-refens.shtml>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

_____. O primeiro embate. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 abr. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/101645-o-primeiro-embate.shtml>>. Acesso em: 20 fev. 2015

_____. O povo brasileiro não existe. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/>

2014/10/1539370-o-povo-brasileiro-nao-existe.shtml>.

Acesso em: 20 fev. 2015.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia Familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. BAGOAS: estudos gays, gênero e sexualidade. Natal. v.4, n. 05. 2010.